

Homem de extraordinária erudição, viveu num período em que circulavam constantemente doutrinas heterodoxas. Com seu pai, empenhou-se no combate ao paganismo de Juliano Apóstata, compondo textos poéticos para as escolas cristãs, em substituição aos textos pagãos. De sua vida pessoal, não se sabe quase mais nada. É ainda difícil saber quais são, realmente, suas obras literárias, já que seus seguidores subscreveram muitas obras em seu nome. Sabe-se que Apolinário combateu o filósofo pagão Porfírio, em 30 livros, e Juliano Apóstata. São-lhe atribuídos como autênticos as *Parafrasi* ou *Metafrasi* sobre o Saltério em exâmetro e mais três obras dogmáticas: *Quod unus sist Christus*; *De incarnatione Dei Verbi* e uma *Carta ao imperador Joviano*. As obras *De unione corporis et divinitatis in Christo* e um *De fide et incarnatione*, são atribuídas ao papa Júlio I, embora estejam em seu nome.

2. A cristologia proposta por Apolinário

Apolinário foi um dos mais vigorosos defensores das conclusões do concílio de Nicéia e incansável adversário do arianismo. Foi ainda um dos que levaram mais profundamente a sério a discussão sobre a relação entre o divino e o humano na pessoa de Cristo. Se Nicéia afirmava que Jesus Cristo é plenamente Deus e homem, não se explicava, contudo, como se dava esta união, como se estabelecia esta relação entre as duas naturezas. É a esta tarefa que se dedica Apolinário.

A tese fundamental de Apolinário consiste em afirmar que o Verbo, encarnando-se, ocupara o lugar da alma humana de Jesus. Enunciando a unidade de Cristo como a sua hipóstase, concebe o ser composto do Verbo feito carne como uma integração substancial da carne com o Verbo. Exclui, por isso, do ser de Jesus a razão (*nôus*), a alma racional superior, enquanto sujeito capaz de autodeterminar-se.

Esta sua doutrina cristológica provinha da antropologia platônica que concebia o homem dividido ou composto em três partes: uma alma espiritual-intelectual, uma alma sensitiva e um corpo material. Em Jesus, o lugar da alma espiritual é preenchido pelo Logos. Deste modo, só o corpo é realmente humano, nele. Esta teoria se funda num argumento segundo o qual dois seres completos em si e dotados cada um de princípio vital próprio “não podem, de maneira alguma, formar uma pessoa viva”⁴². Mas se funda igualmente num princípio religioso, soteriológico: se Jesus tivesse alma intelectual-espiritual e liberdade humana, nossa salvação não teria base firme, pois a alma humana é, por essência, mutável, acessível ao mal. Assim, Apolinário eliminou a alma espiritual de Jesus, introduzindo, em seu lugar, o Logos. Só assim se explicaria a divindade de Cristo, sua impecabilidade e imutabilidade. Como em Cristo havia verdadeira impecabilidade, não poderia existir nele esta parte fraca da natureza humana. Com isso, Apolinário “desloca o problema ao dirigir a seta da argumentação não mais sobre a exegese apologética das paixões humanas de Cristo, mas muito diretamente sobre a antropologia: para Apolinário, o ser humano não poderia estar isento de pecado por causa da fraqueza e da tirania da carne; sua liberdade inclui ao menos a pecabilidade. Para que Cristo existisse sem pecado, seria preciso que uma alma ou um espírito viesse nele guiar a carne que assumira para tornar-se semelhante a nós. O problema para Apolinário consite em arrancar Cristo dessa dualidade dolorosa que é a nossa, uma vez que nos dilaceramos entre as tendências opostas da carne e do espírito. Daí sua insistência característica sobre a unidade do Homem-Deus. Apolinário é autor da fórmula que desempenhará papel tão relevante nas controvérsias ulteriores: “Única é a natureza (a realidade concreta) do Verbo divino que se encarnou”⁴³.

⁴²P. Smulders, *Mysterium Salutis* III/3: A cristologia na história dos dogmas, Vozes, Petrópolis, 1973, p. 39.

⁴³J. Danielou e H. Marrou, *Nova História da Igreja*, I: Dos primórdios a S. Gregório Magno, Vozes, Petrópolis, 2ª ed., 1973, p. 344.

O esforço está, portanto, concentrado, em manter a unidade e divindade de Cristo. Assim, em Cristo, o Verbo é o princípio de toda a vida humana e sobrenatural. Nele há um corpo, uma alma, princípio de vida que são humanos, mas a alma intelectual é substituída pelo Verbo divino, a inteligência pessoal de Deus. Conseqüentemente, o Cristo é mais um “homem celeste” que terrestre. *Há encarnação, mas não verdadeira humanização.* É um Cristo em que brilha o fogo eterno, se irradia a luz divina. Cristo translúcido e transparente de divindade que se manterá na cristologia clássica oriental, especialmente, refletido na imagem transfigurada de Cristo dos ícones.

A doutrina de Apolinário dá origem a uma cristologia mística que só vê a divindade e a unidade de Cristo com Deus. Ainda hoje esta teoria seduz muitas “almas piedosas” que vão a Jesus Cristo como se vai diretamente a Deus. Estas vêem em Jesus imediatamente Deus, o ser divino que age e vive através de um corpo. A função da carne consiste em ocultar a glória da divindade presente nele. Vejamos um exemplo bem recente que se aproxima do apolinarismo: “Jesus era Deus, mas, durante a sua vida humana terrestre, essa divindade ficou escondida. O poder divino ficou de certo modo reprimido, voluntariamente reprimido. Jesus não quis que, pelo seu modo de ser ou de agir, o povo pudesse adivinhar que era Deus. Todos viram nele um homem e ele nunca quis aparecer diferente de um homem. Ele podia ter criado na sua maneira de ser homem alguns sinais espetaculares que dessem ao povo a impressão de que era Deus. Mas ele quis mesmo dar a impressão de que era simplesmente homem. Se tivesse mostrado a sua dignidade de Deus, teria recebido todos os privilégios e não teria sido tratado como foi. Mas era justamente o que ele não queria (...). Com essa redução a nada, não se quer dizer que Jesus deixou de ser Deus, o que seria impossível, mas simplesmente que se negou a usar os seus poderes divinos para viver a sua vida humana. Esta é a confissão de fé dos primeiros cristãos”⁴⁴.

⁴⁴J. Comblin, *Epístola aos Filipenses*, Col. Comentário Bíblicos, NT, Vozes, Petrópolis, Ed. Sinodal, 1985, p. 41.

Ao que tudo indica, Apolinário foi vítima das incertezas quanto à precisão dos termos. Para ele, de fato, “natureza” era o mesmo que “pessoa”. Quando em 361 foi enunciada a unidade de Cristo com a sua hipóstase, concebendo o ser composto do Verbo feito carne como uma integração substancial da carne com o Verbo, excluiu-se do ser de Cristo a razão ou a alma superior, enquanto ele é sujeito capaz de autonomia, de autodeterminar-se. Por isso, a humanidade de Cristo não é completa ou perfeita. Faltando a alma racional, falta aquele princípio operativo autônomo que é a fonte das paixões e da pecabilidade. Vindo a ter, desse modo, o completo domínio sobre a “carne”, o Verbo pode realizar eficazmente a redenção dos homens.

3. Conseqüências desta cristologia

Essa cristologia, conseqüentemente, abre caminho para o monofisismo. Além disso, acaba se opondo à teologia dos antioquenos, a qual exaltava a humanidade de Cristo em detrimento da divindade. Estaria afetado também o princípio soteriológico, pois, se a encarnação-humanização não foi completa, seria incompleta também a nossa salvação, visto que “aquilo que não foi assumido não foi salvo”. Se a alma espiritual de Jesus foi substituída pelo Verbo, este torna-se parte integrante da natureza humana e é, por isso, diminuído em sua divindade, o que é impossível. Como dizia Gregório Nazianzeno: “justamente o que há de mais importante no homem, o seu *nôus* (intelecto-alma espiritual), que o faz imagem de Deus, deixar-se-ia de lado”. Finalmente, sem alma humana, sem inteligência e vontade próprias, distintas de Deus, Cristo não pode merecer e obter a salvação dos homens porque é por nossos atos livres e deliberados que merecemos.

Veamos como se apresentava o apolinarismo para um contemporâneo. Trata-se de um texto em que Gregório de Nazianzo faz um exame da doutrina de Apolinário: “Não

ROQUE FRANGIOTTI

HISTÓRIA das HERESIAS

(SÉCULOS I-VII)



**CONFLITOS IDEOLÓGICOS
DENTRO DO CRISTIANISMO**



PAULUS